

NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA: A MULHER NEGRA EM TRÊS CONTOS MACHADIANOS

Narratives of resistance: the black woman in three Machadoian tales

Narrativas de resistencia: la mujer negra en tres cuentos machadianos

Andréa Portolomeos¹
Sophia Assis Rodrigues²

DOI: doi.org/10.31501/esf.v1i28.14646

Resumo: O artigo revisita três contos de Machado de Assis na perspectiva de narrativas de resistência da memória da escravização, tendo como base parte das críticas afrocêntricas e canônicas sobre o autor. Avalia estratégias ficcionais machadianas na discussão da situação das mulheres negras que, livres ou não, sofriam com um processo de inferiorização e auto inferiorização promovido pela lógica escravagista.

Palavras-chave: Machado de Assis. Conto. Mulheres negras. Escravização. Narrativas de resistência.

Abstract: The article revisits three short stories by Machado de Assis, from the perspective of narratives of resistance from the memory of enslavement, based on part of the Afrocentric and canonical criticism of the author. It evaluates Machado's fictional strategies in discussing the situation of black women who, free or not, suffered from a process of inferiorization and self-inferiorization promoted by the logic of slavery.

Keywords: Machado de Assis. Short story. Black women. Enslavement. Resistance narratives.

Resumen: El artículo revisita tres cuentos de Machado de Assis, desde la perspectiva de narrativas de resistencia desde la memoria de la esclavitud, a partir de parte de la crítica afrocéntrica y canónica del autor. Evalúa las estrategias ficticias de Machado al discutir la situación de las mujeres negras que, libres o no, sufrieron un proceso de inferiorización y autoinferiorización promovido por la lógica de la esclavitud.

Palabras-clave: Machado de Assis. Cuento. Mujeres negras. Esclavitud. Narrativas de resistencia.

¹ Doutora, Universidade Federal de São João del Rei, São João del Rei - MG, Brasil. portolomeos@ufsj.edu.br | <https://orcid.org/0000-0001-7298-5695>²
Mestra; Universidade Federal de Lavras, Lavras – MG, Brasil. professorasophiaassis@gmail.com | <https://orcid.org/0009-0005-2113-6569>

Artigo submetido em: julho/2023. Aprovado em: dezembro/2023

Esferas, ano 13, vol. 3, nº 28, setembro-dezembro de 2023 | ISSN 2446-6190

Revista Esferas tem seu conteúdo sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)



Introdução

Machado de Assis, importante autor afrodescendente da literatura brasileira, consagrou-se em vida em virtude, sobretudo, do estilo elegante de sua escrita, cultivado e citado pelos estudiosos da língua portuguesa daqueles tempos. Além disso, pelo fato de sua intensa colaboração nos jornais da época, era lido e bem aceito pela parcela da população carioca que possuía cultura letrada, ou seja, tanto pelas famílias que se urbanizavam e se aburguesavam no Rio de Janeiro — principalmente pelas mulheres que tinham mais tempo para se dedicarem à leitura — quanto pelo contingente administrativo que ocupava a cidade desde os tempos coloniais. Nesse sentido, importa observar que os escritos de Machado precisavam, de alguma maneira, corresponder aos anseios dessa sociedade conservadora e escravocrata, já que qualquer infração aos códigos estabelecidos poderia gerar rescisões nos contratos do autor com as folhas diárias. Nessa perspectiva, grande parte da crítica machadiana entende que os textos do autor só foram lidos na sua plenitude a partir do século XX, quando se mostrou — sobretudo com a edição, na década de 1960, do renomado estudo da pesquisadora Hellen Caldwell (2002), *O Otelo brasileiro de Machado de Assis: um estudo de Dom Casmurro* — que Machado se valia da moral burguesa justamente para subverter veladamente os valores dessa sociedade oitocentista, revelando-se, assim, como um dos críticos mais argutos e ferozes dela. Nesse viés, a pesquisadora Nádia Batella Gotlib (2004, p. 42) observa que “o modo pelo qual o contista Machado representa a realidade traz consigo a sutileza em relação ao não-dito (sic), que abre para as ambiguidades, em que vários sentidos dialogam entre si”.

Este trabalho revisita, então - a partir do cotejo de análises empreendidas pela crítica machadiana -, três contos da fase madura de Machado, escritos no final do século XIX, na perspectiva de uma narrativa de resistência que representa um importante legado tanto para a memória de um dos capítulos mais sangrentos e bárbaros de nossa história, quanto para a compreensão de grandes problemas contemporâneos originários do sistema escravocrata no Brasil. Adentrando essa perspectiva, este texto analisa mais especificamente estratégias narrativas utilizadas pelo autor para camuflar suas críticas à época, de maneira que elas pudessem ser lidas e recuperadas num tempo histórico subsequente. Nesse sentido, interessa a este estudo, sobretudo, a leitura feita por Machado do incongruente projeto de modernização carioca que, contraditoriamente, tentava conciliar a ascensão dos valores liberais europeus com a reafirmação do sistema econômico patriarcal conservador, baseado na escravização de negras e negros africanos. Nesse viés, o texto observa mais especificamente a trágica situação das mulheres que, livres ou não, sofriam com um processo histórico de inferiorização e auto inferiorização, promovido pela lógica escravagista que as excluía de qualquer possibilidade de pertencimento à sociedade. Desse modo, esta proposta aponta para o entendimento dos escritos de Machado como narrativas necessárias na atualidade para a consolidação e a expansão de políticas de reparações históricas relativas às mulheres negras e, para isso, conta com o aporte crítico-teórico de importantes intelectuais negros e negras, como Eduardo de Assis Duarte (2009, 2014, 2020), Conceição Evaristo (2005), Lélia Gonzalez (2020), assim como com incontornáveis nomes da crítica canônica do autor, como Raymundo Faoro (2001), Roberto Schwartz (2014), Jean-Michel Massa (2009) e João Cezar de Castro Rocha (2020).

Valores burgueses e sociedade escravocrata na transição do Império para República

Machado de Assis, homem negro livre, foi capaz de ressignificar as ocorrências de sua vida pessoal e social, de modo a sofrer menos violentamente com a marginalização imposta aos negros pelo regime escravocrata do seu tempo. Assim, começa a observar e a escrever sobre a sociedade do século XIX, denunciando suas incoerências e atrocidades nas entrelinhas de seus textos. Como nos mostra Eduardo de Assis Duarte (2020), em Machado de Assis afrodescendente, essas denúncias ainda precisam ser largamente reveladas e discutidas pela crítica contemporânea que reconhece de modo insuficiente a atualidade das questões machadianas. Nessa perspectiva, a obra de Duarte, editada recentemente, vem colaborar para uma necessária revisão de parte da crítica machadiana que entende o autor como omissos em relação ao problema da escravização e como escritor que deu notoriedade à elite de seu tempo. Sobre essa obra, o professor Paulo Sérgio de Proença (2021) avalia:

Machado de Assis afrodescendente indica que o autor não se omitiu quanto a temas espinhosos de seu tempo; a escravidão esteve presente em toda sua trajetória literária. Duarte apresenta peças e excertos principalmente de crítica teatral, crônicas, contos e romances e demonstra que as menções à escravidão não são poucas nem irrelevantes e chegam à irrisão da pretensa superioridade racial de brancos. (Proença, 2021, p. 3).

Nos textos críticos que compõem o livro de Duarte (2020), especialmente em Poética da dissimulação, vemos desenvolvida a ideia de que, em toda obra de Machado, não há sequer uma menção em apoio ao regime escravagista. Além disso, o autor sustenta que historicamente nunca

houve, por parte de Machado, vergonha em relação à cor de sua pele e à sua condição de afrodescendente. Ainda segundo Proença (2021),

Machado criou mecanismos próprios de expressão literária compatível com sua condição étnica... ‘O jornalismo como tribuna’ reconhece nas crônicas machadianas peças de intervenção consciente para tratar de assuntos espinhosos e denunciar a violência de que eram vítimas os escravizados. (Proença, 2021, p. 3).

Em conformidade com o biógrafo de Machado de Assis, Jean-Michel Massa (2009), a palavra absenteísmo não poderia ser usada para se referir ao autor. Segundo o estudioso, nosso escritor tratava, em seus textos ficcionais, dos assuntos da atualidade com um olhar atento e crítico. Assim, de acordo com Massa (2009, p. 269), “Machado era corajoso, ativo, engajado e idealista”. Nesse viés, construiu um olhar arguto para a formação da contraditória burguesia carioca, seus valores — que justificavam a escravização de negras e negros trazidos à força da África — e seus atores sociais. Representou magistralmente uma sociedade que começava a mudar rapidamente com a decadência do Império e a ascensão da República. Como nos ensina Raymundo Faoro (2001, p. 15), “a velha sociedade de estamentos cedia lugar, dia a dia, à sociedade de classes”, impulsionando a sociedade brasileira urbana do século XIX a uma europeização dos seus hábitos e costumes ainda que se mantivesse fortemente ligada a um conservadorismo político que justificava o sistema escravocrata.

Machado, em sua obra, se posiciona criticamente em relação a essa nova ordem social, que espelhava a realidade europeia, justamente por entender esse descompasso entre liberalismo e

escravidão. Roberto Schwarz (2014), em seu aclamado texto *Ideias fora do lugar*, com base nos escritos do ficcionista, aborda e exemplifica essa incoerência, demonstrando a existência de uma hipocrisia implícita na modernização de fachada levada a cabo pelo Rio de Janeiro. Nesse sentido, há exemplos que vão desde as relações sociais entre os cidadãos cariocas até a arquitetura da cidade, em que as paredes construídas por escravos recebiam grandes papéis ornamentais - estampados conforme a nova ordem -, enfeites muito refinados que remetiam a um progresso de verniz. O mesmo verniz estava nos comportamentos dos moradores “ilustres” da cidade, travestidos dos requintes da corte europeia.

Desse modo, os estratos sociais que mais benefícios tiravam de um sistema econômico baseado na escravidão e destinado exclusivamente à produção agrícola procurava criar, para seu uso, artificialmente, ambientes com características urbanas europeias, cuja operação exigia o afastamento dos escravos e onde tudo ou quase tudo era produto de importação. (Schwarz, 2014, p. 57).

Segundo Schwarz (2014), a sociedade brasileira movimentava ideias europeias de forma atabalhoada na medida em que o conservadorismo, expresso sobretudo na escravidão instituída, ainda constituía a sólida base econômica de uma sociedade que se queria mais progressista e liberal. Em consonância com o eminente estudioso, o Brasil aplicava de modo desastroso as ideias progressistas na sua organização econômica e social e nosso ficcionista usa desse descompasso para criticar e produzir grandes ironias em seus textos. (Schwarz, 2014). Nesse viés, seus contos exploram esse processo de modernização de fachada implementado em nosso país. Na composição dos

personagens, a organização familiar burguesa, com suas normas e costumes, serve muitas vezes de base para uma análise perspicaz sobre a mediação das instituições estrangeiras nos nossos comportamentos e suas desastrosas consequência sobretudo para homens e mulheres negras. Assim, de maneira oblíqua, Machado demonstra que não há lugar para os negros nesse contexto burguês, sendo sua presença apagada deliberadamente por uma sociedade que se quer branca. Para essa sociedade denunciada pelo nosso escritor, o negro era visto como alguém limitado ao trabalho braçal, portanto como indivíduo que não tinha voz na nova organização social. Desse modo, segundo a pesquisadora Gizêlda Melo do Nascimento (2016), quando o contista omite a presença do negro ou o insere nos contextos das famílias burguesas, ele o apresenta através de um processo de embranquecimento de seus modos e costumes. Sendo assim, conforme a estudiosa do autor oitocentista, a ausência do negro nesses retratos da literatura “é sua mais contundente presença” (Nascimento, 2016, p. 62).

A denúncia da condição da mulher negra em três contos machadianos

Vimos que a sociedade brasileira urbana oitocentista tomava de empréstimo valores da sociedade liberal europeia para ornamentar sua prática retrógrada e desumana, baseada na escravização dos negros africanos. De acordo com Roberto Schwarz (2014), a implementação de valores e ideias liberais nessa sociedade, sem uma aplicação efetiva, a colocava como um logro em seu próprio centro. Assim, como já abordamos, tratava-se de uma sociedade liberal de fachada e que tinha a mulher negra como uma de suas vítimas mais castigadas, como denuncia Machado.

Observador arguto dessa sociedade e crítico do papel burguês da mulher, nosso escritor afrodescendente promoveu, em personagens femininas negras, o avesso do que a ideologia burguesa postulava. Assim, de acordo com o pesquisador José António Carvalho Dias de Abreu (2013), o autor apresentou magistralmente a mulher afro-brasileira em seus escritos, nesse ponto indo além das críticas veladas que tecia à escravização dos negros. Aqui cabe lembrar, por exemplo, da personagem Arminda, protagonista do conto *Pai contra Mãe*, publicado em 1906 na obra *Relíquias da Casa Velha*. A construção de Arminda traz para cena uma das grandes restrições sofridas pela mulher negra da sociedade escravagista: o direito de ser mãe. Segundo a estudiosa Ana Cotrim (2020, pp. 164-165), a “condição de escrava é um obstáculo à realização da maternidade, uma relação que demanda a condição de sujeito”. Ainda em conformidade com Cotrim (2020, p. 158), “ela [Arminda] foge para livrar a si e seu filho da escravidão, e é impedida de ser mãe pela mesma instituição da escravidão”. Dessa forma, Duarte (2009), ao estudar a mulher negra na literatura brasileira, sobretudo no que diz respeito à maternidade, apresenta uma análise de Arminda como mulher corajosa, que, mesmo grávida numa sociedade excludente e cruel, resiste até o fim. Desse modo, segundo o crítico, o conto, com “uma ironia digna de texto trágico, encena a procriação abortada pela crueldade do sistema que transforma mães e filhos em mercadoria” (Duarte, 2009, p. 73). Cotrim (2020) ainda observa que nosso escritor se distanciava muito dos estereótipos da mulher negra apresentados pelo naturalismo à época — que exploravam sobretudo a sexualização e a objetificação de seus corpos —, tecendo Arminda e outras personagens negras com força e determinação representativas da resistência negra feminina.

Não é difícil notar que as personagens negras nos contos machadianos são elaboradas com muita sabedoria e coragem para lidar com as mais diversas situações de vida. Em outro exemplo, temos a valente Genoveva no conto *Noite de Almirante*, publicado em 1884, no livro *Histórias sem Data*.

Como estratégia narrativa, Machado constrói um narrador em terceira pessoa que nos apresenta a moça de modo a nos persuadir sobre as atitudes moralmente duvidosas dela, tendo em vista a moral burguesa em ascensão. Lemos através do narrador: “Genoveva não se defendia de um erro ou de um perjúrio; não se defendia de nada; faltava-lhe o padrão moral das ações” (Assis, 2012, p. 196). Nesse mesmo viés, logo no início do conto, ela é revelada como “uma caboclinha de vinte anos, esperta, olho negro e atrevido” (Assis, 2012, p. 193), o que facilmente induz o leitor mais ingênuo a pensar numa personagem maliciosa, qualidade que certamente estaria atrelada à cor de sua pele. O narrador, então, conduz a história de Genoveva que havia jurado seu amor ao marinheiro Deolindo, mas, após algum tempo da partida dele para uma viagem marítima a trabalho, entregou seu coração a outro rapaz, José Diogo. E assim temos mais uma sinalização do narrador para uma possível falha moral da personagem.

Entretanto, para além do primeiro plano do enredo e despidos do preconceito de cor e dos padrões burgueses, podemos ler uma moça determinada e inteligente que luta para sobreviver numa sociedade racista. A partir dessa nova percepção social e de classe, é possível entender as atitudes defensivas de Genoveva numa sociedade que espera que a mulher tenha um homem para sustentá-la, pois não oferece emprego a ela, muito menos à mulher negra. Nesse caminho, “Machado de Assis coloca, sub-repticiamente, e a partir da temática amorosa, a questão do controle social” (Abreu, 2013, p. 362). Dessa maneira, o ato de se aproximar de outro rapaz revela muito sobre a necessidade de autodefesa da nossa personagem em uma sociedade excludente, sobretudo para a mulher negra. Ao final do conto, relido com olhar mais astucioso, percebem-se a coragem e a luta da personagem para não sucumbir numa espera mais delongada do retorno de Deolindo. Nesse sentido, as ações da moça significam estratégias de sobrevivência, lembrando que a mulher negra na nossa sociedade de base escravagista “é objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo

sexismo a colocam no nível mais alto de opressão” (Gonzalez, 2020, p. 58). Importa destacar que o preconceito do narrador e do leitor, relativo à Genoveva, não foi lido em sua época, sendo revelado pela crítica machadiana somente a partir do século XX, o que põe em evidência sua maestria narrativa que o permitia denunciar as atrocidades racistas de seu tempo, como homem negro, e continuar sendo lido e aclamado por um público burguês branco e escravagista. Essas técnicas franqueavam uma farta difusão dos textos ficcionais machadianos pelos jornais da época, de maneira a alcançarem a posteridade quando, enfim, poderiam ser entendidos como narrativas de resistência e de denúncia de uma sociedade liberal de fachada, amparada por um sistema econômico conservador de lastro escravocrata.

Nessa mesma linha, encontram-se muitos outros contos machadianos que, infelizmente, não conseguiremos explorar no limite deste artigo. Podemos notar uma lógica que perpassa essas narrativas. De um lado, a frivolidade de personagens encenando papéis burgueses para a exibição e manutenção de seu status quo econômico; de outro, os marginalizados, impedidos pelas vias da escravização e da pobreza de fazer parte da sociedade ou ascender economicamente. Esse é o tom do velho Machado cético e fatalista diante de nossa sociedade conservadora. Nesse diapasão, como vimos, temos a constante denúncia feita por ele acerca da condição desumana imposta à mulher negra naqueles tempos. Segundo Conceição Evaristo (2005, p. 54), essas mulheres negras, como “heroínas do cotidiano, desenvolvem suas batalhas longe de qualquer clamor de glórias”, o que vai ao encontro de histórias como a de Genoveva, por exemplo, permeadas pela resistência.

Nesse caminho, temos também o conto Mariana, publicado em 1871 no Jornal das Famílias, em que o senhor de escravos flerta superficialmente com valores liberais, mas permanece convicto no que

diz respeito à manutenção da escravização de negras e negros africanos. O conto narra a história da escravizada Mariana e de Coutinho, por quem Mariana nutre sentimentos amorosos. Ele é filho do senhor de Mariana e prometido de Amália, não correspondendo ao amor da moça escravizada. A condição de Mariana, segundo a lógica escravista, não permitia que ela se apaixonasse ou pudesse viver algum amor com o rapaz e, dada essa proibição, ela foge várias vezes, sendo procurada pelo próprio Coutinho. Nesse sentido, é possível perceber, no segundo plano da narrativa, a discussão proposta por Machado sobre como a mulher escravizada introjeta uma condição de inferioridade definida pelo sistema escravocrata. Desse modo, como explana Gonzalez (2020), as mulheres negras, enquanto escravas, eram encaixadas em duas categorias: a de trabalhadoras do eito, escravizadas e prestadoras de serviços; e a de mucamas, escravizadas que trabalhavam dentro da casa grande para o bom funcionamento de tudo. Assim, ainda de acordo com Gonzalez (2020), a história da mulher negra escravizada se reafirma num processo que a inferioriza e a subordina, marcando profundamente suas diferenças em relação àqueles a quem ela servia. Assim, é possível notar, ao longo do conto, como a condição escrava de Mariana é enfatizada e retomada, mesmo que a moça partilhe do ambiente da casa-grande. Essa denúncia vai ao encontro do que afirma Gonzalez (2020) sobre como grupos negros, no processo de colonização, foram racialmente subordinados, enquanto um grupo branco, privilegiado, se beneficiava com a exploração deles. Nesse viés, os “aspectos culturais e políticos das relações sociais demonstram como o branco afirmou sua supremacia às expensas e em presença do negro” (Gonzalez, 2020, p. 33).

Retornando ao conto, após a primeira fuga de Mariana, ela é defendida por Coutinho frente aos senhores da casa-grande, porém os tratamentos utilizados por ele para se referir à jovem explicitam um sentimento de posse e de superioridade dele em relação a ela. Essa leitura de Coutinho, claro, não era

feita pelos olhos preconceituosos dos leitores dos jornais da época, representantes da elite escravocrata, o que mais uma vez reitera o desejo de Machado de deixar seus escritos para a posteridade como forma de retrato social e de narrativa de resistência do povo negro escravizado. Coutinho se refere à Mariana como “mulatinha e pobre escrava” (Assis, 2020, pp. 170-171). De acordo com o crítico João Cezar de Castro Rocha (2020, p. 142), “a moldura narrativa de ‘Mariana’ põe a nu a violência extrema, a desigualdade na formação social brasileira”.

Importa notar, então, que é Coutinho quem conta todas as tentativas de fuga de Mariana. Assim, o discurso em primeira pessoa, como queria Machado, estava carregado dos valores e costumes da nossa elite conservadora oitocentista, incluindo o contraditório verniz liberal sobre o qual discorreremos. Segundo Duarte (2020), o tom em primeira pessoa confere ao texto “um sentido de relato de experiência” (Duarte, 2020, p. 299) e, sendo assim, as situações “tratadas pelos representantes do estamento social dominante dá bem a dimensão da perspectiva crítica com que Machado encara o *modus operandi* dos senhores” (Duarte, 2020, p. 299). Nesse viés, Coutinho não oferece espaço para o relato de Mariana e, assim, os leitores são induzidos a vê-la como uma pessoa ingrata, que não teria motivo para fuga, tendo em vista o fato de ser bem tratada na casa-grande: “uma gentil mulatinha nascida e criada como filha da casa, e recebendo de minha mãe os mesmos afagos que ela dispensava às outras filhas” (Assis, 2020, p. 166). Entretanto, suas falas reafirmam o fato de que a presença de Mariana era limitada na casa, pois ela “não se sentava à mesa, nem vinha à sala em ocasião de visitas, eis a diferença; no mais era como se fosse pessoa livre, e até minhas irmãs tinham certa afeição fraternal” (Assis, 2020, p. 166). Nesse prisma, ao analisar o conto, Lopes (2007, p. 43) encontra nas atitudes de Coutinho uma pretensão de “disfarçar o autoritarismo através do véu da proteção”.

Dito isso, é possível pensar na estreita relação de favor presente no texto. Assim como desenvolvido por Schwarz (2014), as relações de favor mantidas dentro da sociedade escravagista asseguravam a submissão de muitos, seja sustentando determinada posição social, seja possibilitando a prática de algum ofício. Dentro do conto analisado, percebe-se como Coutinho e sua família se utilizavam do favor como garantia para assegurar a submissão dos cativos que tinham em sua posse. Dessa forma, Lopes (2007) discorre:

Tal sofisticação pode até refletir, em um primeiro momento, uma visão edificante da família, enquanto paradigma social, depois esta mesma instituição é desmistificada, e a prática do favor passa a servir às relações de mando e obediência, numa forma peculiar de domínio, no qual o capricho individual é ressaltado. (Lopes, 2007, p. 43).

Nesse panorama, como discorre Schwarz (2014, p. 51), “com mil formas e nomes, o favor atravessou e afetou no conjunto a existência nacional, ressalvada sempre a relação produtiva de base, assegurada pela força”. Desse modo, Mariana estava ligada à família de Coutinho pelo seu pertencimento e pelo favor que acreditava dever aos membros da família. É possível analisar como a personagem permanecia presa a essa “dívida”, tendo em vista que avaliava receber tratamento diferente dos negros escravizados, por ter um convívio mais íntimo dentro da casa. Segundo Gonzalez (2020, p. 38), o grupo racial dominante defendia que os negros, por possuírem características como “preguiça, irresponsabilidade, alcoolismo, infantilidade etc., só poderiam desempenhar, naturalmente, os papéis mais inferiores”, ofertados “generosamente” pelos brancos. Essas características se acentuam ainda

mais quando falamos de mulheres escravizadas, como nota a autora, o que reafirma seu sentimento de dívida para com os brancos que a “protegem” sob seus domínios. Nesse viés, Gonzalez (2020), assim como Schwartz (2014), observa como ideias que poderiam parecer mais progressistas, como a liberdade dos escravizados, na verdade permaneciam compactuando com os injustos e cruéis processos de dominação sofridos pelos negros e negras no Brasil.

Mais uma vez, compreende-se aqui como Machado de Assis articulava seus textos de modo a conseguir se profissionalizar através deles — contando com um público de leitores burgueses conservadores — e, ao mesmo tempo, denunciar veladamente o atraso social de nossa sociedade escravista para a posteridade. Segundo Duarte (2014, p. 149), o autor é o “precursor da literatura afro-brasileira e o ponto de vista afro-identificado de Machado se opunha radicalmente a um ponto de vista branco e racista”. Ainda conforme o crítico, nosso escritor foi usuário da tribuna que provinha da imprensa como espaço de denúncia do patriarcado escravista, deixando registrada sua repulsa ao movimento escravocrata.

O professor João Cezar de Castro Rocha (2020, p. 142) avalia a trágica história de Mariana como “cindida entre uma dolorosa impossibilidade existencial e uma limitada forma de inclusão”. O pesquisador adverte, em relação ao conto, sobre a estratégia brasileira de preservação da distância social por meio de uma proximidade e sublinha a denúncia contundente de Machado em relação a essa lógica. Para Rocha (2020), essa estratégia é responsável pelo dilema que ainda não foi superado na história brasileira, ou seja, “o país-Brasil é muito bem-sucedido para uma porção sempre mais ínfima da população, ao passo que a nação-Brasil nunca se formou precisamente pela manutenção suicida de uma extrema desigualdade e de uma anacrônica hierarquia” (Rocha, 2020, p. 142).

Nesse sentido, ainda em diálogo com Rocha (2020), cabe lembrar que a data de publicação do conto no *Jornal das Famílias*, 1871, é um marco importante para a sociedade brasileira oitocentista, o que reafirma o caráter de memória do conto para a posteridade. Em meio às organizações e decisões acerca das leis abolicionistas, sobretudo a lei de 1871, o conto Mariana é sinônimo da resistência conservadora que vigorava nos anos anteriores e posteriores a 1871. Dessa forma, é possível encontrarmos no texto a representação da força e da determinação dentro de uma sociedade escravocrata a qual insistia em demonstrar um falso ideal de liberdade que, a todo custo, desejava comprovar.

Importa observar, ainda de acordo com Rocha (2020), que a força da personagem Mariana é representada e reafirmada no título do conto. Mesmo não sendo ela a narradora da história, Machado, ao usar seu nome como título, marca o lugar que é imposto a ela nessa sociedade escravista e a importância da resistência e da coragem da personagem naquele momento histórico. Porém, apesar desse caráter corajoso da moça escravizada, Machado opta pela morte de Mariana no conto, dando notoriedade assim à falta de compaixão de Coutinho e seus amigos diante do fato. Nessa esteira, a morte de Mariana não é sentida pelo moço, revelando assim que sua relação com ela se traduzia, sobretudo, numa questão de ordem econômica. Como afirma mais uma vez o professor João Cezar de Castro Rocha (2020), a morte de Mariana deve ser lida também como uma morte simbólica, pois a escravização, por si só, já havia decretado a morte dessa personagem e de tantas outras como sujeito social, sobretudo se tratamos da condição da mulher negra na sociedade escravagista.

Conclusão

Os contos de Machado de Assis representam um conjunto de narrativas que oferece arguta visibilidade para os meandros da nossa contraditória sociedade oitocentista, constituindo um importantíssimo acervo para entendermos a lógica de uma elite econômica que subjaz nas nossas relações sociais da contemporaneidade, perpassada pela exclusão e pela miséria da grande maioria de nossa população brasileira, formada de mulheres e homens negros, mas principalmente de mulheres. Nesse sentido, esses textos compõem narrativas de resistência capazes de manter viva uma memória sobre como negras escravizadas foram alijadas de nossa sociedade, permanecendo à margem, muitas vezes em condições desumanas, até os dias atuais. Esses contos antecipam assim, em séculos, incontornáveis discussões alavancadas e fortalecidas pelo feminismo negro, dialogando com ideias brilhantemente defendidas por Lélia Gonzalez (2020) e Conceição Evaristo (2005) por exemplo. Dessa maneira, este artigo chama atenção para a atualidade de Machado que, através de sua ginga narrativa, foi capaz de driblar a crítica conservadora de sua época e consolidar-se como um dos autores mais lidos do seu tempo, fazendo com que suas denúncias chegassem às gerações posteriores que possuem, hoje, condições históricas para entender as entrelinhas dos escritos e discuti-las pelo viés da necessária reparação histórica para o povo negro.

Referências

Abreu, J. A. C. D. d. (2013). Os Abolicionismos na Prosa Brasileira: de Maria Firmina dos Reis a Machado de Assis. [Tese de Doutorado em Letras, Literatura Brasileira, Universidade de Coimbra]. Repositório da Universidade de Coimbra. <https://core.ac.uk/reader/19731670>.

Assis, M. d. (2012). Contos escolhidos. Martin Claret.

- Assis, M. d. (2020). Contos (quase) esquecidos. (2 ed.). Filocalia.
- Caldwell, H. (2002). O Otelo brasileiro de Machado de Assis: um estudo de Dom Casmurro. Ateliê Editorial.
- Cotrim, A. (2020). A figuração da mulher negra e a crítica do naturalismo em Machado de Assis: Arminda, Sabina e Mariana. *Inter Litteras*, (2), 145-188. <https://doi.org/10.34096/interlitteras.n2.9734>.
- Duarte, E. d. A. (2009). Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. *Scripta*, 13(25), 63-78. <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4368>.
- Duarte, E. d. A. (2014). O negro na literatura brasileira. *Navegações*, 6(2), 146-153. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/16787>.
- Duarte, E. d. A. (2020). Machado de Assis afrodescendente: Antologia e Crítica. (3 ed.). Malê.
- Evaristo, C. (2005). Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. *Revista Palmares*, 1(1), 52-57.
- Faoro, R. (2001). Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio. (4 ed.). Globo.
- Gonzalez, L. (2020). Por um feminismo afro-latino-americano. Companhia das Letras.
- Gotlib, N. B. (2004). Teoria do conto. Ática.
- Lopes, E. A. (2007). “Homem do seu tempo e do seu país”: senhores, escravos e libertos nos escritos de Machado de Assis. [Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Minas Gerais]. Repositório Institucional da UFMG. https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECAP74QJMQ/1/disserta__o__v_final_entrega.pdf.
- Massa, J. M. (2009). A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual. (2 ed). Editora UNESP.
- Nascimento, G. M. do. (2016). Machado: três momentos negros. *Terra Roxa E Outras Terras: Revista De Estudos Literários*, 2, 53-62. <https://doi.org/10.5433/1678-2054.2002v2p53>.
- Rocha, J. C. d. C. (2020). Contos (quase) esquecidos/Machado de Assis [prefácio]. (2 ed). Filocalia.
- Schwarz, R. (2014). As ideias fora do lugar: ensaios selecionados. Companhia das Letras.